

## **Tendências de faixa etária de técnicos e auxiliares de enfermagem no Brasil de 2003 a 2017, uma análise descritiva**

Jackson Antônio Bezerra da Silva Júnior <sup>[1]</sup>

Guilherme Mota de Rezende <sup>[2]</sup>

Francisca Andreza de Melo <sup>[3]</sup>

Jonas Sâmí Albuquerque de Oliveira <sup>[4]</sup>

### **INTRODUÇÃO**

A categoria profissional técnico de enfermagem é caracterizada pela formação de nível médio, que presta a assistência e cuidados de enfermagem nos locais onde sua prática assistencial possua regulamentação, desde atendimento ambulatorial, domiciliar, hospitalar e pré-hospitalar, exercendo função como membro supervisionado da equipe, especialmente pelo enfermeiro, em ações sistematizadas de prevenção, recuperação, reabilitação e promoção da saúde (BRASIL, 1986a). Em contraste, os auxiliares de enfermagem são os profissionais envolvidos na recepção e preparo de pacientes, cuidados de rotina, bem como procedimentos que lhes são cabíveis mediante capacitação específica, contudo, estes profissionais atualmente são estimulados legalmente a migrarem para a categoria de técnicos de enfermagem, caracterizando a extinção progressiva de auxiliares (BRASIL, 1986b).

Dentro das diversas possibilidades de assistência, observa-se o dimensionamento característico da equipe de enfermagem, onde a função do técnico e do auxiliar corresponde a contingente significativo da força de trabalho. Entretanto, carece de investigação mais sistemática a investigação de fatores que alteram a empregabilidade desses profissionais, uma vez que a literatura nacional dá enfoque aos enfermeiros de nível superior ou mescla todas as categorias dentro do grupo “equipe de enfermagem”, uma vez que os técnicos de enfermagem de nível médio são característicos do processo de trabalho em saúde no Brasil (MACHADO et al, 2016b).

A partir desse contexto, atente-se a participação os técnicos de enfermagem no mercado de trabalho, cujas demandas por competências e habilidades, o tempo de inserção na área, proatividade e experiência em relação à oferta de remuneração, do processo de trabalho e capacidade de atuação que enredam fatores predisponentes a alterar o comportamento desses indivíduos frente ao mercado de trabalho, tornando-os essenciais para a sua devida compreensão MACHADO et al (2016a, 2016c, 2016d). Mais especificamente, há uma tendência de manutenção de profissionais na área tanto por tempo de vida trabalhado quanto pela manutenção de profissionais com habilidade/experiência trabalhando na área, o que pode ser indicativo de uma vantagem competitiva por emprego, apesar da ampliação de cursos de formação de profissionais, e por consequência, o favorecimento de profissionais com maior idade (BLACK; SPETZ; HARRINGTON, 2008; SILVA et al, 2012).

Essa realidade de competição por vagas no mercado, bem como a existência de vantagens para sua inserção permite traçar um paralelo com a capacidade de profissionais

<sup>1</sup> Graduando do Curso de enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, jabsjrn@ufrn.edu.br;

<sup>2</sup> Graduando do Curso de enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, guilhermemotaufrn@gmail.com;

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, fcaandrezamelo@gmail.com;

<sup>4</sup> Professor orientador: Doutor em enfermagem pelo Programa de Pós Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Professor do departamento de enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, jonassamiufrn@yahoo.com.br.

mais jovens de participarem do mercado de trabalho, uma vez que a tendência de ampliação dos cursos de formação profissional pode levantar preocupação quanto à empregabilidade de seus formandos, logo, necessita-se compreender o comportamento desse montante de profissionais na sua inserção em um emprego em relação à idade (LORENZO et al, 2007).

Para tanto, nesse estudo, há de se priorizar um levantamento de dados decorrentes de fontes confiáveis e de acesso público, capaz de responder adequadamente quanto à validade da distribuição etária como característica do mercado de trabalho. Logo, o seguinte estudo tem por objetivo descrever: qual a tendência da distribuição de faixa etária de técnicos e auxiliares de enfermagem no Brasil do período de 2003 a 2017?

## **MÉTODOS**

Trata-se de um estudo descritivo, transversal e de abordagem quantitativa. Foi conduzido a partir de fonte de dados secundários e públicos, disponíveis no Relatório Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Os critérios para obtenção e discriminação dos dados foram a escolha por vínculos em estado ativo, bem como a seleção da categoria “técnicos e auxiliares de enfermagem”, incluída na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) do ano de 2002.

O agrupamento dos dados foi realizado a partir da definição do ano-base da declaração como agrupamento horizontal (linha), da região natural como agrupamento vertical (coluna), bem como da faixa etária como subconjunto do agrupamento da região natural (subcoluna).

Os anos-base dos vínculos incluídos são do período de 2003 a 2017, declarados pelo sistema de Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) e disponíveis para consulta. As regiões naturais tratam-se das cinco regiões geográficas em que o país é dividido (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul), sua utilização como agrupamento tem como finalidade analisar as diferentes tendências de cada região, uma vez que possuem características socioeconômicas distintas. A faixa etária foi utilizada do modo como é disponibilizado no sistema, com as faixas de idade sendo: de 10 a 14 anos, de 15 a 17 anos, de 18 a 24 anos, de 25 a 29 anos, de 30 a 39 anos, de 40 a 49 anos, de 50 a 64 anos e por fim, de 65 anos a mais, cuja finalidade é estudar o crescimento absoluto (número de vínculos por faixa etária/ano) e o crescimento proporcional (porcentagem relativa ao: número de vínculos de determinada faixa etária/ número total de vínculos ativos no ano-base), que servirão de base para a discussão da tendência da idade desses profissionais ao longo do tempo.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Numa análise do panorama nacional, os dados evidenciaram um aumento no número de vínculos ao longo do tempo, cujo total em 2003 somou 482.485 vínculos ativos, ao passo que em 2017 esse total foi de 893.335, significando um ganho de 410.870 profissionais, bem como um maior contingente de recursos humanos trabalhando na assistência em saúde, ou ao menos, disposto a participar do mercado de trabalho desse ramo. Quanto à distribuição desses profissionais por região, o Sudeste detém maior contingente, com 457.535 técnicos e auxiliares registrados nesta região no ano de 2017, enquanto o Nordeste está em segundo lugar, com 166.737 profissionais vinculados (vale ressaltar que o primeiro lugar possui 2,7 vezes mais profissionais do que o segundo), já o Sul está na terceira posição, pois possui 136.087 registros neste ano, o Centro-Oeste está em quarto com 74.594 profissionais na região, e por fim, o Norte possui o registro de 58.382 técnicos e auxiliares de enfermagem, quantidade 6,1 vezes menor do que o Sudeste.

Analisando o quantitativo absoluto de registros por faixa de idade em âmbito nacional, viu-se na faixa dos 18 aos 24 anos uma estabilidade no número de vínculos ativos por ano, iniciando em 2003 com 45.470 de registros ativos e finalizando em 2017 com 47.350 desses registros, saldo de 1.880 vínculos a mais no decorrer desse período, com o ano de 2016 marcando o menor quantitativo de vínculos; 45.071, enquanto 2011 apresentou um pico de 51.535 vínculos, nos demais anos, os valores variaram em ciclos dentro dessa faixa de extremos.

Na faixa etária de 25 a 29 anos, observou-se uma tendência discreta no aumento de registros ativos, obtendo-se em 2003 o número de 73.531 registros, enquanto 2017 atingiu a marca de 91.964, um ganho de 18.433 vínculos, que foi o ano de menor quantidade de vínculos ativos, sendo 2011 o ano com maior número, marcando 116.316 registros. Na faixa de idade de 30 a 39 anos, o período 2003 a 2017 assinalou variação temporal de 161.947 a 315.557, respectivamente, saldo positivo de 153.610, visto que o ano de 2003 assinalou o menor número de vínculos ativos, enquanto 2015 apresentou o maior quantitativo, com 316.624 registros ativos.

Quanto aos profissionais registrados ativamente com 40 a 49 anos, estes apresentaram um crescimento linear, apresentando no ano de 2003 138.343 vínculos ativos enquanto que em 2017 haviam 256.460, significando acréscimo de 118.117 vínculos contabilizados. Na faixa etária de 50 a 64 anos, a tendência de crescimento linear se manteve, no ano de 2003 contabilizando 60.764 vínculos, enquanto em 2017 houveram 171.074 registros ativos, acréscimo de 110.310 vínculos nesse período. No que diz respeito aos profissionais com 65 anos ou mais, essa mesma tendência linear é percebida de forma proporcionalmente acentuada, apresentando de 2.328 a 10.918 vínculos ativos no período de 2003 a 2017, respectivamente, com o importante aumento no quantitativo desses profissionais.

Portanto, o número absoluto de enfermeiros em âmbito nacional apresenta-se em franco crescimento, ademais, caso analisado mais atentamente, percebe-se uma tendência de aumento no quantitativo de profissionais com vínculo ativo ao longo dos anos à medida em que se avança na faixa de idade, enquanto os profissionais mais jovens apresentaram tendência de manter seu quantitativo mais estável com o passar do tempo, por exemplo: a faixa de idade com maior crescimento absoluto foi a de 30 a 39 anos, com o saldo positivo de 153.610 de vínculos a mais do que o início do período, caso comparado com faixa etária mais jovem de maior significância; de 18 a 24 anos, percebe-se um acréscimo de apenas 1880 vínculos ativos como saldo final desse período de 15 anos.

Cabe ainda ressaltar a evolução do proporcional demográfico desses profissionais decorrer em sustentado processo de transição, cuja principal evidência é a queda na participação percentual da faixa de 18 a 24 anos, com variação de 9,47% a 5,3% de 2003 a 2017, respectivamente, bem como a faixa etária de 25 a 29 anos ter variado negativamente de 15,3% a 10,29% no mesmo período, já a faixa dos 50 a 64 anos teve o melhor saldo positivo, com a participação variando de 12,64% a 19,15% nesse período, o que indica ampla atividade de profissionais com maior experiência (tanto na assistência quanto em outras oportunidades de formação), cujas implicações no processo de inserção serão discutidas mais adiante.

Esses dados confirmam certos achados da literatura, discutindo-se inicialmente sobre as faixas etárias mais jovens, percebe-se dificuldades para a empregabilidade de jovens que possa sustentar um envelhecimento da força de trabalho de enfermagem a nível técnico que se aliam ao achado do PNAD contínuo 2012-2018, que reforça a tendência de transição demográfica no Brasil (IBGE, 2018). Como observado por Braga e Rodarte (2012), a fragilidade na certeza de um emprego entre jovens de 18 a 24 anos, mesmo entre aquele com referida experiência anterior, gera dificuldades nesse público em alcançar condições de trabalho adequadas, uma vez que necessitam de empregos de curta duração predeterminados

ou mesmo de permanência instável, além da possível existência de um processo de formação, aumentando a carga de trabalho e/ou postergando sua inserção no mercado

Sobretudo, numa análise regional, constata-se uma repercussão da fala de Machado (2016a), sobre a hegemonia do Sudeste brasileiro traduzida numa concentração exacerbada do capital humano em enfermagem de grau técnico, a lacuna entre a primeira e a segunda região em termos de quantitativo de vínculos. Uma característica favorável à manutenção desse quadro é a concentração do aparelho formador de quase metade do pessoal de enfermagem (46,5%) nessa região, com o pessoal egresso apenas de São Paulo, somando 23,3% dos egressos do país, o que superou toda a formação da região Nordeste, que gerou 21,1% dos egressos (COFEN, 2019).

Haja vista, o fenômeno de expansão de cursos da enfermagem possui um importante fator, uma vez que fora alimentado pela eufórica absorção de pessoal da enfermagem de 92,4% dos egressos em 1999, pelo fomento ao ingresso em instituições de ensino superior e médio, bem como suporte àqueles em situação economicamente vulnerável. Entretanto, esse quadro de absorção da força de trabalho logo deu indícios de um período de diminuição da procura desses profissionais, cuja falta de regulação na produtividade desses formandos indicou um contingente de pessoal desempregado (VIEIRA, 2002).

Nesse contexto, há o contraste de um maior contingente de trabalhadores com mais idade, o que significa maior número de profissionais experientes, e por consequência, empregados. Mas vale ressaltar que a idade também é fator de saída desse pessoal, tanto por aposentadoria, quanto por abandono da profissão, tornando preocupante esses ciclos cada vez mais pronunciados de escassez de profissionais de enfermagem, ou ao menos, de postos de trabalho ocupados, pois a renovação da força de trabalho está comprometida (BUCHAN; O'MAY; DUSSAULT, 2013).

Sob essa visão, os dados expõem a existência de uma maior proporção de profissionais com idade mais avançada, acompanhada pela tendência de aumento na adição de novos profissionais de acordo com a faixa etária. Evidenciada sobretudo no crescimento da faixa de idade de 50 a 64 anos, cuja participação percentual saltou de 12,64% a 19,15% na proporção etária dos vínculos existentes. Logo, a empregabilidade e manutenção de profissionais técnicos e auxiliares de enfermagem é uma realidade progressiva no contexto brasileiro, contudo, sua estratégia de manutenção de pessoal pode ser prelúdio de uma futura escassez de profissionais, devido a uma baixa capacidade de renovação do quadro de profissionais atuantes no mercado.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste estudo, conclui-se que a faixa etária dos profissionais possui significância no comportamento destes no mercado de trabalho, principalmente por ser adjetivo de características desejáveis no ramo, como experiência profissional, capacitação, habilidade e maturidade quanto ao processo de trabalho, tornando-os capital humano desejável e necessário ao serviço da assistência em saúde, com postos de trabalho dispostos a incentivar ativamente sua permanência na profissão.

Soma-se às características mercadológicas do trabalho em saúde o contexto de uma população brasileira em transição demográfica e epidemiológica, com aumento da longevidade e da morbidade por DCNTs, modificando o perfil de atenção à saúde do indivíduo, contribuindo na constituição de uma força de trabalho em saúde num quadro de franco envelhecimento. Entretanto, é preocupante a estabilidade no número de vínculos dos profissionais mais jovens numa realidade em que há ampliação de cursos de formação, o que pode indicar piora nos indicadores de desemprego da profissão entre os mais jovens.



Denota-se a possibilidade de futuras investigações no padrão de inserção ocupacional de profissionais da enfermagem mais jovens, bem como fatores que afetam sua empregabilidade, e como a relação entre grande quantidade de cursos de formação e baixa captação desse pessoal pode contribuir para um quadro de desemprego.

**Palavras-chave:** Enfermagem, Recursos Humanos de Enfermagem, Envelhecimento, Dinâmica Populacional.

## REFERÊNCIAS

BLACK, Lisa; SPETZ, Joanne; HARRINGTON; Charlene (2008). Nurses Working Outside of Nursing: Societal Trend or Workplace Crisis? **Policy, Politics, & Nursing Practice**, v. 9, n 3, ago. 2008. 143–157. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1527154408319288> . acesso em 24 Maio 2019. <https://doi.org/10.1177/1527154408319288>

BRAGA, Thaiz Silveira; RODARTE, Mario Marcos Sampaio. A inserção ocupacional e o desemprego dos jovens: o caso das regiões metropolitanas de salvador e belo horizonte. **Pesquisa & Debate. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Economia Política.**, [S.l.], v. 17, n. 1(29), out. 2012. ISSN 1806-9029. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/rpe/article/view/11852>. Acesso em: 27 maio 2019.

BRASIL. Lei nº 7.498, de 25 de Junho de 1986. Dispõe sobre a regulamentação do exercício da Enfermagem e dá outras providências. Legislação para o Exercício da Enfermagem, 1986a. 6p. Disponível em: [http://www.cofen.gov.br/lei-n-749886-de-25-de-junho-de-1986\\_4161.html](http://www.cofen.gov.br/lei-n-749886-de-25-de-junho-de-1986_4161.html). Acesso em: 27 Maio 2019.

BRASIL. Decreto n. 94.406/87. Regulamenta a Lei nº 7.498, de 25 de junho de 1986, que dispõe sobre o exercício da Enfermagem, e dá outras providências. 1986b. Conselho Federal de Enfermagem (COFEN). Legislação [Internet]. Brasília; 2011[citado 2011 out. 30]. Disponível em: [http://www.cofen.gov.br/decreto-n-9440687\\_4173.html](http://www.cofen.gov.br/decreto-n-9440687_4173.html) . acesso em 27 Maio 2019.

BUCHAN, James, O'MAY, Fiona; DUSSAULT, Gilles. Nursing Workforce Policy and the Economic Crisis: A Global Overview. **Journal of Nursing Scholarship**, 45: 298-307. 2013. Disponível em: <https://sigmapubs.onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1111/jnu.12028>. Acesso em 27 Maio 2019. doi:10.1111/jnu.12028

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/perfilenfermagem/>. acesso em 04 Junho 2019

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de domicílios contínua (PNAD Contínua) 2018. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101654\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101654_informativo.pdf). Acesso em: 04 Junho 2019

LORENZO, Fely Marilyn E.; GALVEZ-TAN, Jaime; ICAMINA, Kriselle; JAVIER, Lara. (2007). Nurse migration from a source country perspective: Philippine country case study. **Health services research**, 42(3 Pt 2), 1406–18. 2007. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1955369/pdf/hesr0042-1406.pdf> . acesso em 27 Maio 2019. doi:10.1111/j.1475-6773.2007.00716.x

MACHADO, Maria Helena et al. Aspectos gerais da formação da enfermagem: o perfil de formação dos enfermeiros, técnicos e auxiliares. **Enfermagem em Foco**, [S.l.], v. 7, p. 15-34, jan. 2016a. ISSN 2357-707X. Disponível em: <<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/687>>. Acesso em: 27 maio 2019. doi:<https://doi.org/10.21675/2357-707X.2016.v7.nESP.687>.

MACHADO, Maria Helena et al. Característica gerais da enfermagem: o perfil sócio demográfico. **Enfermagem em Foco**, [S.l.], v. 7, p. 9-14, jan. 2016b. ISSN 2357-707X. Disponível em: <<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/686>>. Acesso em: 27 maio 2019. doi:<https://doi.org/10.21675/2357-707X.2016.v7.nESP.686>.

MACHADO, Maria Helena et al. Condições de trabalho da enfermagem. **Enfermagem em Foco**, [S.l.], v. 7, p. 63-71, jan. 2016c. ISSN 2357-707X. Disponível em: <<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/695>>. Acesso em: 27 maio 2019. doi:<https://doi.org/10.21675/2357-707X.2016.v7.nESP.695>.

MACHADO, Maria Helena et al. Mercado de trabalho da enfermagem: aspectos gerais. **Enfermagem em Foco**, [S.l.], v. 7, p. 35-53, jan. 2016d. ISSN 2357-707X. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/691/301>. Acesso em: 27 maio 2019. doi:<https://doi.org/10.21675/2357-707X.2016.v7.nESP.691>.

SILVA, Kênia Lara et al . Expansão dos cursos de Graduação em Enfermagem e mercado de trabalho: reproduzindo desigualdades?. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 65, n. 3, p. 406-413, June 2012 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672012000300003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672012000300003&lng=en&nrm=iso)>. access

on 27 May 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672012000300003>.

VIEIRA, Ana Luiza Stiebler. Empregabilidade dos enfermeiros no Brasil / Job of the nurse in Brazil. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm.** v.6. n.1. p. 65-74, dez. 2002